

Muito boa noite a todos

Passou-se um ano e aqui estamos, nós, de novo, se calhar os mesmos.

É bom que os mesmos aqui estejam. E é bom que todos nós e os outros sejamos os mesmos, no próximo ano.

A beleza particular destes encontros é a de, por momentos e momentos significativos, darmos conta da nossa vizinhança.

Raramente estamos tão ao pé uns dos outros; raramente somos tão vizinhos. E esta vizinhança que aproxima, torna mais fácil a comunicação que une, que abre portas.

É assim, mais fácil, conhecermo-nos e desenvolver uma consciência colectiva: a de que estamos juntos a participar numa obra comum que tem como objectivo dar, sem se saber a quem e sem mostrar a mão que dá.

É, assim, também, de cada vez mais natural sentirmos a verdade do obrigado que a todos dirijo, na medida em que a consonância entre quem pede e quem dá se vai estabelecendo, e a diferença entre quem agradece e quem merece agradecimento se vai atenuando.

Bem-haja, amigos!

Um obrigado especial e particularmente desvanecido é o que desejamos dirigir à ilustre família Violas, que personifico na estimada Amiga e anfitriã, a Senhora D. Celeste.

Com a maior sinceridade lhe digo que as minhas palavras não chegam aonde o nosso agradecimento quer chegar.

E, por isso, digo só: muito obrigado, boa Amiga por esta 15ª obra de misericórdia.

O que é que se passou durante um ano que possa dar indicações quanto aos efeitos da nossa acção e animar-nos no caminho a prosseguir?

Na ajuda humanizante em que estamos empenhados, os passos são sempre pequenos porque a etapa a percorrer é longa e não há metas a finalizar os percursos.

Tem havido prodigiosos avanços técnicos que elevam a Ciência e honram a Medicina. Mas aquilo que se vê, hoje, nas instalações hospitalares é muito mais que progresso técnico!

É enorme e consolador o contraste entre aquilo que se passa, hoje, à nossa volta, na vida pública, na rua como nas instituições, onde a displicência, a arrogância, a agressividade, o egoísmo são o pão-nosso de cada hora, com aquilo que se passa hoje nas instituições hospitalares em geral e no Hospital de S. João, em particular.

A indiferença, senão o desprezo pela debilidade dos mais fracos, a impaciência das bichas, a rudeza das pressas, o insulto gratuito contrastam com o carinho, a atenção, o desvelo com que a solidariedade chega aos doentes no regaço de voluntários, às centenas, voluntários que dão o melhor que têm, sem medirem sacrifícios, sem contabilizarem tempos, sem esperarem recompensas.

A Liga dos Amigos de Hospital de S. João nasceu, como consta dos seus estatutos, para ajudar a preencher os espaços vazios onde não chega a técnica. Quero dizer que, com a vossa ajuda, já começamos a mobilar esses intervalos.

Ainda não fizemos muito: O dito popular de que *Roma e Pavia não se fizeram num dia*, nunca nos deu tanto jeito!

Mas então qual é esse ainda pouco que se fez?

Em primeiro lugar, demos uma presença conhecida, com bom nome, que, de mãos dadas com o Serviço de voluntariado e a equipa de humanização, ajuda, anima, conforta, substitui;

Em segundo lugar queria partilhar uma experiência de humanismo comovente vivida há alguns meses com uma criança doente, que nos levou a pedir à Direcção do Hospital de S. João a transferência para a Liga de um cuidado novo que essa experiência inspirou e a que nos obrigamos:

Uma criança de 11 anos adoeceu com um tumor cerebral de evolução rápida e sem esperança de cura e foi internada no H. S. João.

Quando se soube que essa criança era adepta fervorosa do Futebol Clube do Porto, tratou-se de lhe facultar a assistência a um treino no centro de estágios do Olival.

O dia chegou e a criança esquecida da doença e do sofrimento, assistiu, agitada de emoção, ao evoluir do treino. Quando este terminou, veio o banho daqueles que muitos julgam incapazes de sentimentos nobres, afogá-la em gestos de ternura.

Envolvida pelos seus ídolos, nem sabia para onde se havia de voltar. Recebeu camisolas, caxecóis, bolas autografadas e uma atenção e um carinho que se sobrepuseram a tudo.

A espontaneidade e a grandeza cívica e humana desta atitude tipificam um exercício de solidariedade que nenhum estado por mais personalista, nenhum serviço clínico por mais revolucionário, nem nenhuma regulamentação por mais apurada poderá, algum dia protagonizar.

Na sequência e em consequência desta feliz experiência, a nossa Liga estabeleceu com o P.C-Porto uma parceria que permite que as crianças em tratamento crónico no nosso hospital e com condições físicas para suportarem a visita e, naturalmente, que desejem assistir ao treino de futebol do seu clube favorito vão ter a possibilidade de o fazer.

Em **terceiro** lugar, contribuimos para uma certa pacificação no relacionamento e para o bem-estar de centenas de doentes, em dezenas de enfermarias e em outros espaços hospitalares comuns. Oferecemos até ao momento 43 aparelhos de televisão, uma forma simples de ajudar a tornar mais leve o peso do tempo. Se esperar com saúde cansa; esperar doente desespera.

Havia doentes que traziam de casa os seus aparelhos mas havia outros que não tinham essa possibilidade.

4- Oferecemos bombas de infusão de insulina para o tratamento de crianças diabéticas muito pobres e com situações de doença extremamente rebelde ao tratamento convencional.

5- Estabelecemos com a Organização Gestos Sociais um acordo de colaboração que nos vai ajudando a angariar fundos:

6. Firmamos, muito recentemente, um protocolo com a Fundação Vitor Baía cuja vocação pediátrica praticamente coincide com a vertente pediátrica da nossa Liga. É-me muito grato aproveitar esta oportunidade para, na presença dos nossos associados e convidados, assinar esse protocolo com o seu patrono cuja presença muito nos honra.

E o que é que não fizemos?

Como objectivamente se constata, não tem sido prioridade nossa dar ao Mundo a notícia da nossa existência.

Achamos que ainda não dá para vir no jornal!

É muito importante que se saiba que a Liga existe; é bom que chegue longe o nosso nome e o nosso apelo. Mas é óptimo que se veja o que fazemos.

Creemos que a informação não deve preceder a actuação. E nós queremos que se saiba que existimos, mas não desejamos que seja essa a nossa pressa. Cuidamos, além do mais, da dimensão personalista da comunicação e é por isso que gostamos muito destes encontros, onde se liga a notícia a quem lhe dá assunto. Finalmente, não conseguimos, ou melhor, **não nos deixaram conseguir**, obter o estatuto de Instituição pública para a Liga.

Não houve descuidos, nem distrações, nem desmazelos. A meio do jogo mudaram-nos as regras. No fim de uma penosa e insistente expectativa foi-nos dito que o que tínhamos de pedir era a constituição de uma IPSS. E o pedido seguiu logo. Antes de terminar queria agradecer aos colegas eFraz de Oliveira, Jorge Cravo, Borralho e o sacrifício e a simpatia da sua contribuição para a animação desta festa.

E termino dizendo que sem pragmatismo não há acção, mas sem romantismo não há inspiração.

Vamos tentar fazer conviver estas duas filosofias. É com a vossa ajuda que contamos.

Espinho, Casino Solverde, 20 de Novembro de 2008

SG